

Editorial Infobolsa 2020

BVM SERÁ UM INSTRUMENTO FINANCEIRO MAIS USADO NO PÓS-COVID-19



Salim Crighton Valá - PCA da BVM

Desde o final de 2019 e início de 2020 que o mundo tem estado a ser abalado por um novo surto epidemiológico, causado por um vírus com origem na cidade chinesa de Wuhan. Para muitos era mais um novo vírus, à semelhança de tantos outros (SARS, H1N1, gripe de Hong-Kong, gripe das aves), para o qual se iria encontrar rapidamente uma vacina, e que ficaria circunscrito ao continente asiático. No passado, ver pessoas a usarem máscaras faciais era uma imagem comum, embora se associasse mais à poluição que a outra razão.

A rápida propagação do vírus para alguns países asiáticos, Europa, EUA, países da América do Sul, África, e ao resto do mundo, associado à declaração de pandemia por parte da OMS (Organização Mundial de Saúde), mostrou que o novo coronavírus propagou-se por todo o globo e estava a ser um problema sério de saúde pública mundial que irrompeu sem que os países estivessem devidamente preparados para o conter. A última epidemia global, a "Gripe Espanhola" (1918-1920), que matou entre 20 a 50 milhões de pessoas em todo o mundo, já há muito estava esquecida na consciência colectiva.

Cem anos depois, e para surpresa de muitos, a escalada progressiva do novo vírus pelo mundo tornara-o numa pandemia global. Já não era um problema do continente asiático nem dos países mais pobres (como o vírus Ébola em África), era um problema que afectava todos os países, e em particular os mais ricos. Consequentemente, a reacção de muitos países foi tardia, e as medidas de confinamento, distanciamento social e protecção pessoal, foram implementadas quando

a cadeia de transmissão do novo vírus já estava muito disseminada.

O desconhecimento sobre o novo coronavírus, a facilidade de propagação da cadeia de contágio, a incerteza temporal sobre a criação de uma vacina, a divulgação massiva do número de mortos e de novos casos de contágio, provocaram na população mundial um elevado nível de "stress", pânico e ansiedade, levando os Governos à implementar políticas de contenção e combate à pandemia, onde a prioridade era preservar a vida humana em detrimento da manutenção dos meios de subsistência das famílias, garantia do funcionamento normal das empresas e secundarização dos factores económicos.

O efeito da pandemia sobre a economia não se fez esperar. As bolsas de valores, consideradas barómetros das economias, foram as primeiras a sentirem o seu impacto, com descidas dos mercados bolsistas equiparáveis ao "Crash de 1929" e à "Grande Depressão de 1930" nos EUA, com repercussões em todo o mundo. Só as medidas de emergência lançadas pelos Governos e Bancos Centrais e os pacotes massivos de incentivo à economia, evitaram que o caos se instalasse nos mercados financeiros, detonando completamente os mercados de capitais. Muitos analistas anteciparam uma nova crise mundial, uma recessão económica ainda mais grave que a crise financeira de 2008.

África foi dos últimos continentes a serem atingidos pela pandemia da COVID-19. A Europa parece ter ultrapassado já o "pico da pandemia", os EUA estão a ser fustigados e é já o país com maior

número de mortes, seguido pelo Reino Unido, e os países da América do Sul, nomeadamente o Brasil, estão a ser gravemente atingidos. Passou já a fase em que Itália, Espanha e França eram os países com elevado número de contágios e mortos. Até ao momento, o continente africano não foi seriamente afectado pela pandemia, sendo algo benéfico tendo em conta a sua debilidade económica e a fraca capacidade dos seus serviços de saúde.

Moçambique declarou o Estado de Emergência em 30 de Março de 2020, implementando políticas de contenção e combate à pandemia, naquele que parece ter sido o momento exacto. A evolução da pandemia no nosso País está muito longe da gravidade de outros países, dando a ideia de que a sua contenção esteja a ser bem sucedida. Até ao dia 10 de Junho corrente, o país tinha registado 472 contaminados, 136 recuperados e 2 óbitos, o que se pode considerar um quadro positivo, tendo em conta o que aconteceu e ainda acontece em países poderosos em resultado do impacto da COVID-19.

Com a actuação oportuna do Governo, muitas vidas foram seguramente salvas, mas no período pós-pandemia os cidadãos e as empresas não ficarão imunes às consequências económicas das políticas de contenção, causadas pela descida do PIB do País, a queda na produção, a redução da procura e a paragem parcial das actividades económicas. A grande preocupação futura é salvar a economia, assegurar a continuidade do funcionamento das empresas, em particular das Pequenas e Médias Empresas (PME's), salvaguardar os postos de trabalho e a geração de rendimento para as famílias, manter a estabilidade social, promover a rápida recuperação económica do País, até porque não sabemos se o mundo irá enfrentar uma segunda vaga da pandemia, ou mesmo um novo vírus.

Desde o início do ano, que a Bolsa de Valores, apesar das vicissitudes e adversidades económicas influenciadas pela COVID-19, tem estado numa espécie de contra-ciclo, e a generalidade dos indicadores têm evidenciado uma evolução positiva:

- Até 31 de Maio, a **capitalização do mercado** subiu 15,9%, ao passar de MT 95,3 mil milhões para MT 109,6 mil milhões;
- Neste mesmo período, o **índice "BVM Global"** que representa o comportamento do

mercado bolsista teve um crescimento de 15,3%; o **Índice "BVM Acções"** e o **Índice "BVM Obrigações"** tiveram igual crescimento que foi de 12,3%;

- As empresas cotadas em bolsa mantiveram, na generalidade, a valorização das suas empresas, e das três empresas com maior **liquidez de mercado** (HCB, CDM e CMH), a HCB manteve a sua valorização, enquanto que a CDM e a CMH aumentaram o seu valor em 17,3% e 36,4%, respectivamente.
- Em relação ao período homólogo, de 1 de Janeiro a 31 de Maio de 2019, onde o **volume de negociação** havia sido de MT 1.673,16 milhões, quando no mesmo período em 2020, o volume foi de MT 3.312,4 milhões, representando um crescimento de 98,0% neste importante indicador.

Apesar das dificuldades ditadas pelo actual contexto económico da COVID-19, as 11 empresas cotadas na Bolsa de Valores de Moçambique (BVM) têm evidenciado um nível satisfatório de resiliência, expressando ao mercado e aos investidores que têm a capacidade necessária para enfrentar o período pós-pandemia. Uma das empresas cotadas na BVM com obrigações de Papel Comercial, a Sociedade Moçambicana de Medicamentos, SA (SMM), financiou-se no mercado interno, tendo emitido 2 emissões de Papel Comercial no valor total de MT 45 milhões.

Se para alguns países mais ricos as mudanças decorrentes da pandemia fizeram com o futuro ficasse mais próximo (a maior adesão à tecnologia, a adopção do teletrabalho, entre outras), já para os países mais pobres, como Moçambique,

em que o ano de 2020 iria ser o ano do "boom económico", tendo em conta a difícil situação de crise que se vive desde 2016, o "futuro económico risonho" ficou ainda mais longe ... e provavelmente difícil de alcançar.

Com o fim do Estado de Emergência, e a retomada da "normalidade" por parte dos cidadãos e das empresas, é que vamos sentir o real impacto das mudanças económicas e sociais provocadas pela pandemia. As consequências económicas decorrentes da queda da produção e da redução da actividade empresarial irão concorrer para a redução do PIB, e com menos recursos disponíveis, o Estado poderá ser obrigado à reorientação, quer das prioridades de alocação desses recursos, quer das estratégias governamentais delineadas para os diversos sectores da economia. Sem dúvida que o novo contexto ditado pelo impacto da COVID-19 vai exigir a reorientação das acções contantes no Programa Quinquenal do Governo 2020-24 e no Plano Económico e Social de 2020.

O País terá de apostar mais na produção interna, em particular dos bens essenciais, e ficar assim menos dependente da sua importação. É fundamental incentivar as unidades empresariais para potenciar ainda mais a agricultura, o agro-negócio, a indústria, os produtos acabados e semi-acabados. A palavra de ordem é "produzir mais, aumentar a produtividade, acrescentar valor, dar qualidade, apostar no mercado interno". Mostra-se necessário promover a exportação de bens e serviços aos quais foi acrescentado valor em território nacional, em detrimento da mera exportação de "commodities".

A BVM está posicionada para ser parte activa na dinâmica da recuperação económica do País, oxigenando a economia, sendo uma plataforma para o promover negócios com ética e procurando ajudar as empresas a financiar-se de forma mais competitiva.

Nos últimos anos, os mercados financeiros e de capitais passaram por muitas mudanças e crises, cujas repercussões foram ampliadas pelo fenómeno da globalização e das disrupções tecnológicas. As externalidades negativas surgidas em decorrência da crise financeira de 2008, do novo coronavírus e das fricções geo-estratégicas e tensões comerciais entre os EUA e a China, estão ainda muito longe de devidamente percebidas, sentidas e muito menos contrariadas. Normalmente, os choques externos provocam danos no equilíbrio macroeconómico e também na economia real, mas abrem novas janelas de oportunidades a serem exploradas pelo país. A situação dos últimos anos de Moçambique ensina que temos de estar melhor preparados para enfrentar contextos resultantes de crises económicas e/ou financeiras, efeitos dos eventos climáticos extremos, situações de conflitos e instabilidade e crises epidemiológicas.

Como outras pandemias e crises, esta também vai passar, e esperamos que o pós-COVID-19 vá marcar uma nova etapa em que as empresas a operar em Moçambique, e os investidores, possam usar mais e melhor a BVM como instrumento de poupança, financiamento e investimento.

REVIMO É A PRIMEIRA EMPRESA A COTAR-SE NO TERCEIRO MERCADO DA BVM

A 30 de Março de 2020, a BVM admitiu à cotação no Terceiro Mercado de Bolsa a sociedade REVIMO – Rede Viária de Moçambique, SA, pela totalidade do seu capital social de 660 milhões MT, representado por 66.000 acções ordinárias, nominativas e escriturais, tendo cada uma das acções o valor nominal de 10.000,00 MT.

A REVIMO tem a sua sede em Maputo, e a actividade principal da sociedade centra-se na construção, conservação e exploração, sob sistema de concessão de portagens, de estradas e de pontes e suas infra-estruturas conexas, construídas ou por construir. A sociedade pretende assumir-se como uma empresa moçambicana de excelência na concessão de estradas e líder de concessões rodoviárias do País, bem como ser uma referência de gestão de concessões no País e na África Austral.



A empresa detém os direitos de gestão e exploração comercial de cerca de 550 Km de concessão rodoviária das estradas Beira-Machipanda, Grande Circular de Maputo, ponte Maputo-Katembe e respectivas estradas de ligação, conferindo-lhe o potencial para ser líder do mercado de concessões rodoviárias em Moçambique.

Importa referir que a BVM lançou em Novembro do ano passado o Terceiro Mercado, que constitui um mercado bolsista alternativo ao Mercado de Cotações Oficiais (MCO) e ao Segundo Mercado (SME), para todas aquelas empresas que querendo entrar na Bolsa de Valores, não possuem no momento da sua admissão à cotação a totalidade dos requisitos exigidos para o MCO ou para o SME.

Neste novo mercado bolsista - o Terceiro Mercado – as empresas têm um período de 2 anos para prepararem a sua entrada no Mercado de Cotações Oficiais ou no Segundo Mercado, contando para o efeito com o apoio da BVM, do IGEPE (Instituto de Gestão de Participações do Estado), do IPEME (Instituto para a Promoção de Pequenas e Médias Empresas), da CTA (Confederação das Associações Económicas de Moçambique), da OCAM (Ordem dos Contabilistas e Auditores de Moçambique) e do ISCAM (Instituto Superior de Contabilidade e Auditoria de Moçambique).

OPV DA HCB EXECUTADA PELA BVM DISTINGUIDA A NÍVEL INTERNACIONAL



Momento da atribuição do prémio. (E-D) Harold Paka (BVM), José Mugalela (HCB), Marylou Greig (DealMakers Africa), Meul Gulabsinh (BIG), Hugo Costa (BCI) e Arié Maree (Ansarada).

A operação da Oferta Pública de Venda (OPV) de 4,0% das acções da Hidroeléctrica de Cahora Bassa (HCB), S.A., realizada em Julho de 2019, na Bolsa de Valores de Moçambique (BVM), inteiramente dedicada a cidadãos, empresas e instituições moçambicanas, foi distinguida pela revista internacional *The Banker*, edição de Maio de 2020, com o prestigiado prémio de *Deal of the Year 2020 – Equity Winner Africa*.

O prémio foi atribuído em reconhecimento do seu sucesso nos resultados alcançados "não só pelo tamanho do desafio que a transacção representou, mas também pelo facto de numa

economia em que uma grande quantidade da população ainda não é bancarizada, alcançar o investidor comum foi um grande obstáculo", anunciou a *The Banker*.

A *The Banker* referiu que a transacção é um grande marco para o País, pois este nunca havia testemunhado antes uma OPV desta escala, tendo o número de investidores registado na Bolsa de Valores de Moçambique quase triplicado ao passar de menos de 8.000 para aproximadamente 23.000 após a transacção.

A revista destacou também o facto de mais de um terço das ordens de subscrição terem sido realizadas através da utilização de canais remotos, como o celular, sem a necessidade de internet, especialmente desenvolvidos para assegurar o alcance e a inclusão da operação.

A *The Banker* é uma publicação do Grupo *Financial Times* que fornece informação de inteligência económica e financeira para o sector financeiro mundial. Está a operar no mercado desde 1926, apresentando relatórios objetivos e incisivos com informação bancária, mantendo uma reputação de precisão, autoridade e integridade.

Importa referir que, esta é a segunda vez que a OPV da HCB é galardoada com um prémio de reconhecimento internacional, depois de ter sido distinguida com o prémio de *Special Recognition Award da DealMakers África*, em Março do corrente ano.

A primeira distinção ocorreu na Gala Anual de Premiação que teve lugar em Nairobi, Quênia, com o "Prémio Especial de Reconhecimento" pela singularidade das suas características, que

a distingue das demais, mormente o aspecto da inclusão económica dos moçambicanos, o alcance aos cidadãos não bancarizados, a natureza inovadora ao fazer uso de canais remotos (mobile banking) e os resultados excepcionais que logrou alcançar, sendo a maior transacção do mercado de capitais moçambicano ocorrido até o momento.

O *DealMakers AFRICA* é uma plataforma lançada em 2000 que se tornou o principal fornecedor de Rankings M&A na África do Sul e faz o rastreamento das actividades de M&A e Finanças Corporativas no restante do continente desde 2008. Desde 2013, publica um Directório anual na gala de premiação *DealMakers*, na África do Sul, e *DealMakers África*, no Quênia.

BVM ALARGA O NÚMERO DE OPERADORES ESPECIALIZADOS EM OBRIGAÇÕES DO TESOIRO



Salim Cripton Valá - PCA da BVM e Bruno Bastos - Administrador de Operações do First Capital Bank, S.A.

No âmbito da promoção do mercado de financiamento interno, o Governo estabeleceu em 2013, o regime jurídico das Obrigações do Tesouro e aprovou o Estatuto de Operadores Especializados em Obrigações do Tesouro (OEOT).

Os OEOT's são intermediários financeiros comprometidos com o Estado na colocação das Obrigações do Tesouro, de acordo com o programa anual de emissão, assegurando o acesso dos investidores as emissões destes valores mobiliários e a sua liquidez no mercado secundário.

O estatuto de OEOT é atribuído pelo Ministro que superintende a área das Finanças aos intermediários financeiros que sejam membros do sistema de

compensação e liquidação da Bolsa de Valores de Moçambique e que, em conjunto com o Estado, participam na implementação da Estratégia de Gestão da Dívida Pública.

No mês de Fevereiro do presente ano, foi atribuído ao First Capital Bank, S.A. o estatuto de Operador Especializado em Obrigações do Tesouro – OEOT. O banco é regido de acordo com a lei moçambicana e tem uma larga experiência neste tipo de operações de Bolsa actuando em mercados como Malawi, Zimbabwe, Zâmbia e Botswana.

O Banco retrocitado, apresenta um capital social de **1,515,000.000** (um bilião, quinhentos e quinze milhões de Meticais) e um rácio de solvabilidade na ordem dos 40%, onde obteve um resultado líquido no período compreendido entre 1 de Janeiro e 30 de Novembro de 2019, na ordem dos 82 milhões de MT, possuindo 109 trabalhadores afectivos.

A carteira de depósitos e de créditos do Banco cresceu, no período acima referido, cerca de 39% e 93%, respectivamente.

De referir que o First Capital Bank tem vindo a expandir a disponibilização dos seus produtos e serviços em Moçambique, tendo aberto recentemente uma agência em Nampula, como estratégia para reforçar a sua presença a nível do mercado nacional.

Com a entrada deste banco, a Bolsa de Valores de Moçambique (BVM) conta com 15 Operadores

Especializados em Obrigações do Tesouro (OEOT), nomeadamente:

- ABSA BANK (MOÇAMBIQUE), S.A.
- AFRICAN BANKING CORPORATION (MOÇAMBIQUE), S.A.
- BANCO BIG, S.A.
- BANCO COMERCIAL E DE INVESTIMENTOS, S.A.
- BANCO INTERNACIONAL DE MOÇAMBIQUE, S.A.
- BANCO MAIS MOÇAMBIQUE, S.A.
- BANCO NACIONAL DE INVESTIMENTO, S.A.
- BANCO ÚNICO, S.A.
- COOPERATIVA DE POUPANÇA E CRÉDITO, S.A.
- ECOBANK, S.A.
- FIRST CAPITAL BANK, S.A.
- FNB MOÇAMBIQUE, S.A.
- MOZA BANCO, S.A.
- STANDARD BANK, S.A.
- UBA – UNITED BANK FOR ÁFRICA MOÇAMBIQUE, S.A.

Este incremento do número de instituições financeiras, com Estatuto de OEOT, permitirá ao Estado desempenhar com maior eficiência e eficácia a colocação efectiva das obrigações do tesouro no mercado primário, e a promoção da liquidez das Obrigações do Tesouro em mercado secundário, bem como garantir o acesso às Obrigações do Tesouro de outras entidades, que podem ser pessoas singulares ou colectivas.



Quadros da BVM e do First Capital Bank.

BVM E INDE ASSINAM PROTOCOLO PARA PROMOVER A EDUCAÇÃO FINANCEIRA SOBRE MERCADOS DE CAPITAIS



Salim Valá - PCA da BVM e Ismael Nhêze - Director Geral do INDE

A Bolsa de Valores de Moçambique (BVM), e o Instituto Nacional de Desenvolvimento de Educação (INDE) rubricaram, à 12 de Março de 2020, um Memorando de Entendimento que tem como propósito a promoção e desenvolvimento da educação financeira sobre mercado de capitais e bolsa de valores, visando potenciar a formação, capacitação e investigação nos domínios da Educação, Arte, Cultura, Tecnologia e Sistema Financeiro.

O protocolo de cooperação vai permitir a integração de matérias sobre o mercado de capitais e bolsa de valores nos currículos escolares do ensino primário e secundário geral, e produção de material didáctico do Programa de Educação Financeira da BVM.

Na ocasião, o PCA da BVM, Salim Valá, referiu que este protocolo vai reforçar o trabalho

que a BVM tem estado a levar a cabo a nível nacional, consciencializando os públicos alvo prioritários sobre as alternativas de financiamento e investimento que a bolsa oferece ao mercado. Enfatizou que com este protocolo, o professor e o estudante terão um espaço privilegiado na acção da BVM.

Por seu turno, o Director Geral do INDE, Ismael Nhêze, disse que a assinatura do memorando constitui uma plataforma vital na medida em que pela primeira vez serão introduzidos nos currículos escolares conteúdos sobre a bolsa de valores com uma abordagem generalizada a nível dos ensinos primário e secundário, para que os estudantes tenham noções básicas sobre poupança, financiamento e investimento via Bolsa.

Importa referir que a BVM já vem desenvolvendo actividades conjuntas com o INDE no que tange a formação dos quadros da educação sobre matérias da bolsa, incluindo a troca de experiências junto de países que implementam a mais tempo programas de educação financeira no ensino, à todos os níveis.

O memorando assinado pelas duas Instituições está em consonância com o plasmado em dois instrumentos do Governo, designadamente a Estratégia para o Desenvolvimento do Sector Financeiro em Moçambique (2013-2022) e a Estratégia Nacional de Inclusão Financeira (2016-2022), cujo objectivo fundamental é a melhoria dos níveis de Inclusão Financeira e a estabilidade e sustentabilidade do sistema financeiro do País.



Quadros da BVM e do INDE

COMPORTAMENTO DO MERCADO BOLSISTA

VALORES MOBILIÁRIOS	CAPITALIZAÇÃO BOLSISTA (Milhões MT)	TÍTULOS COTADOS	NEGÓCIOS NA BOLSA	
			Quantidade negociada	Valor negociado (Milhões MT)
OBRIGAÇÕES DO TESOURO	56,670.93	32	14,573,182	2,424.0
OBRIGAÇÕES CORPORATIVAS	5,930.25	17	1,189,583	119.4
PAPEL COMERCIAL	47.00	1	0	0.0
FUNDOS PÚBLICOS	0,00	0	1,656,650	56.2
ACÇÕES	31,908.26	8	353,535	73.5
TOTAL	94,556,4	58	17,772,950	1,673.2

Durante os Meses de Abril e Maio foram realizados os seguintes eventos:

- Admissão à cotação de Obrigações Tesouro - 2020 (5ª Série)
- 1ª e 2ª, Reaberturas de Obrigações Tesouro - 2020 (5ª Série)
- Admissão à cotação de Obrigações Tesouro - 2020 (6ª Série)

a) Admissão à cotação de Obrigações Tesouro - 2020 (5ª Série)

Montante total de = 2.000,00 Milhões de MT
Quantidades Emitidas = 20.074.074
Taxa de Juro = 12%
Período de Maturidade = 5 anos

b) Admissão à cotação de Obrigações Tesouro - 2020 (6ª Série)

Com as seguintes características
Quantidades Emitidas = 11.314.526
Montante Emitido = 1.000,00 Milhões MT
Taxa de Juro = 12%
Período de Maturidade = 6 anos

Info@BVM

FICHA TÉCNICA

Edição
Paula Bila
paula.bila@bvm.co.mz

Redacção
Paula Bila
João Pedro Rodrigues
Glória Janeiro

Coordenação
Paula Bila

Av. 25 de Setembro, 1230, 5º andar, Bloco 5
Maputo - Moçambique Tlf: +258-21-308826/7/8 Fax: +258-21-310559
Caixa Postal nº 4773 Website: www.bvm.co.mz

MISSÃO

Organizar, gerir e manter o mercado secundário centralizado de valores mobiliários

VISÃO

Ser uma praça financeira de referência na oferta de produtos e serviços no mercado de capitais

VALORES

- Inclusão
- Equidade
- Transparência
- Inovação
- Integridade
- Competência